



A PÓS-VERDADE, O PÓS-CONTEMPORÂNEO E A OBSESSÃO POR MEDIDAS

POR **RICARDO AUGUSTO ALVES DE CARVALHO**

“O homem é a medida de todas as coisas.”
Protágoras (filósofo pré-Socrático)

Chegamos ao limite do conceito, numa era que não sabemos mais nomear. Esperançosos de que, depois da pós-modernidade, na procura do conceito perdido, a humanidade poderia criar uma era no contemporâneo, eis que não!

Bem-vindos ao pós-contemporâneo, uma era que não é mais, e, entretanto, não deixa de ser. Até que o futuro seja criativo o bastante para renomeá-la.

Neste mundo de falta de conceitos quentes e definições mais precisas (todos os conceitos e sistemas foram desconstruídos na pós-modernidade), nada mais coerente então do que a chegada da pós-verdade no contexto pós-contemporâneo. Afinal, o que é a pós-verdade?

A “pós-verdade”, devido à sua alta incidência vernacular ou impregnação semântica na expressão dos “avisadinhos”, foi eleita a palavra do ano pelo dicionário Oxford. Essa palavra-conceito, de grande aura semântica, se não desmente o conceito de verdade, estende-o para uma gama de ressignificações, obrigando-nos a indagar se a verdade deixou de ser *stablishment* para se colocar alterada em um para além de si. Como assim?

Logo a verdade, que até ontem se opunha à mentira, formando uma plausível dualidade contraditória e antagônica, como são os antônimos por natureza. Simples assim! Mas não, a pós-verdade é uma “mentira” que, como um dado real,



TUDO É IDEOLOGIA NA ALDEIA GLOBAL E, COMO SABEMOS, A VERDADE NESTE CASO NÃO PRECISA CORRESPONDER AOS FATOS

escolhemos acreditar. Assim, esta “falsa-verdade” demonstra uma capacidade heurística de exprimir “O Estado da Arte” do pós-contemporâneo: o mundo M.U.V.U.C.A, ou seja, Movente, Universal, Volátil, Ubíquo, Complexo e Ambíguo.

A pós-verdade não é necessariamente uma mentira, mas uma versão que, devido ao efeito de impregnação semântica, passa a ter efeito de verdade. É a *doxa* grega, que não passava de opinião, elevada ao *status* de real. Ou seja, a criação de discurso da verdade, que transforma o factóide versionado na mais pura crença epistolar. Não por que queiramos, mas a neurociência adverte que, de tanto ouvir algo (não importa que seja falso ou enunciado), nosso cérebro acaba acreditando e nos levando a tomar decisões e agir em nome deste suposto saber. Efeito de impregnação semântica.

Risco dos mais sérios para aqueles que detêm algum tipo de poder. Verdade seja dita: as estatísticas não revelam mais a verdade presumida. Antes pelo contrário, como vimos no resultado recente das eleições nos Estados Unidos. O provável (que deriva justamente de probabilidades numéricas balizadas em *surveys* bem executados em estatísticas robustas) não revela, mesmo em desvios padrões mínimos, a realidade acachapante da veracidade.

Em outras palavras, o fato objetivo perde seu poder de influência para moldar a opinião (*doxa*) pública. Em verdade vos digo: tudo é ideologia na aldeia global e, como sabemos, a verdade neste caso não precisa corresponder aos fatos. Antes disso, ela está atrelada a crenças e juízos de valor, como um desdenhar da veracidade em favor de um discurso sedutor.

Seria o pós-contemporâneo, a época da “verdade da mentira” em tempos de contaminação “viral” na rede informacional? Ora, não importa mais checar as fontes, uma vez que a versão ganha ares verídicos.

Nessa direção, a matemática Cathy O’Neil, em seu recente e esclarecedor livro, *Weapons of Math Destruction* (numa tradução livre: (“Armas de destruição matemática”), nos adverte sobre nossa obsessão (escolas, governos e mundo empresarial) por dados. Estatísticas, tabelas, Excel e *Demonstrations Road Show*, balizados em curvas sedutoras que sobem e descem ao sabor de “verdades”



numéricas, incomensuráveis e incontestáveis. Será mesmo?

Nunca estivemos diante de tantos dados disponíveis (*Big Data*) para avaliar o que quer que seja – desde o comportamento humano do ponto de vista neuropsicológico aos desejados hábitos de consumo, para prever (modelando) tendências e padrões. A confiança em algoritmos ultrapassou os limites desejáveis, mesmo para um Watson (des) avisado, que está sujeito aos “sujeitos” que criam os algoritmos, para não falarmos aqui dos efeitos de redundância! *No coments*: o tecnovício e haja *detox* digital num mundo nipônico de cerejeiras em flor!

Como Freud já nos fez refletir sobre a importância da alma (leia-se psiquismo), se os algoritmos não são capazes (e nem devem) de captar conceitos inquantificáveis como desejo e impulso, o que diríamos da desejada motivação, que como sabemos é “intrínseca” ao sujeito?

Vivemos situações e contextos que não podem ser contidos ou limitados, e mesmo mensurados, com simples métricas, agindo como máquinas de destruição matemática.

Cathy O’Neil, matemática reputada, diga-se de passagem, em seu livro detonador nos mostra que medir, avaliar e julgar desempenhos e performances através de modelos estatísticos é, no mínimo, injusto. Pois (elementar, meu caro Watson!), os modelos estatísticos e algoritmos foram criados a partir de formulações (sempre) parciais de seus

VIVEMOS SITUAÇÕES E CONTEXTOS QUE NÃO PODEM SER CONTIDOS OU LIMITADOS, E MESMO MENSURADOS, COM SIMPLES MÉTRICAS

criadores (humanos), não passando de opiniões envoltas em matemática, como reafirma Cathy, que denuncia, ao mesmo tempo, a ineficácia do modelo de “valor agregado”, usado para avaliar os professores em Nova York.

A obsessão por medidas (o TOC, transtorno obsessivo-compulsivo do mundo estatístico) talvez seja um sintoma defensivo em resposta ao atual contexto de incertezas que marcam o pós-contemporâneo. É certo, porém, que a arte antecipa o real e, não por acaso, a recente Bienal de São Paulo escolheu como conceito curador guia a Era das Incertezas, tendo como inspiração o princípio da incerteza quântica de Heisenberg.

Pois bem, viva a subjetividade (*soft skills*) no mundo dos *hard skills* em sua inesgotável inapreensão. Portanto, situações menos objetivas, mas



SE A VERDADE ESTÁ SITUADA NO COLETIVO, ELA É DEMOCRÁTICA E É RESULTADO DE INTERAÇÕES ENTRE OS (DIVERSOS) HUMANOS, NA BUSCA DA TRANSPARÊNCIA ÉTICA

que refletem performance, não são mensuráveis por testes de desempenho.

O pós-contemporâneo, evidenciado por sua derrocada em oferecer respostas (pós-2008 que o diga), mergulhado na fragmentação e na idolatria pelas tecnovirtualidades, procura de forma desesperada um modo de afirmar o “darwinismo social” no qual estamos atolados. Ou seja, a concepção de que os mais adaptáveis (a qual modelo?) são os *winner-masters* de um mundo de competências que mascara, de Foucault (saber poder) a Bourdieu (capital simbólico), o controle dos capitais de “distinção” socioculturais e simbólicos no pós-capitalismo (improvável).

No eterno caminhar titubeante do processo e projeto civilizacional, o ser humano teve que

desenvolver uma capacidade (refinada) de detectar mentiras. É o próprio pensamento abstrato em ação, revelando a nossa capacidade de “ler nas entrelinhas”, ver os sinais e mesmo antecipar cenários, ter *feeling* num *blink* e decodificar (Alain Turing que o diga), onde o ato de interpretar faz da psicanálise afirmação délfica do “conhece-te a ti mesmo”.

Decifrar a si próprio, o “outro” desconhecido em si, para conhecer a alteridade radical na diferença do outro real. Para poder confiar. Não é a confiança este intangível que nos dirige a acordos com o(s) outro(s)?

Os métodos mais promissores, do polígrafo à ressonância magnética, não evidenciam indicadores confiáveis para revelar mentiras, nem mesmo as meias verdades. Mas sugerem, por outro lado, indicadores de suspeição (são aqueles que merecem maior averiguação investigativa), como o movimento intenso dos olhos e respostas de maneira geral relacionadas ao estresse. Mau sinal! Será também que as microexpressões (*Lie to me*) podem mesmo revelar a tentativa de logro? Nada temos de definitivo no universo da *American Scientific*. Mas, é certo que sem pensamento abstrato, as microexpressões não podem ser decriptadas.

Sem pensamento abstrato, não redigimos e não sabemos mais contar histórias. Não é toa que o *Living Dialogue* tem sido incentivado nas organizações



criativas que buscam a inovação, pois a narrativa, o fio que é tecido no confio, se perdeu no mundo da pós-verdade! Vamos achá-la!

No entanto, uma boa notícia vem corroborar nossa tese, no que se refere aos efeitos de cooperação e interação grupal: cientistas americanos (Proceeding of the National Academy of Sciences) confirmam estudos em que se demonstrou que a descoberta da verdade velada na mentira é maior e melhor quando formamos uma equipe sinérgica. Ah, tem que ser “olho no olho”, sem mediação de realidade virtual. O brinde e a discussão olho no olho, no face a face real, permitem detectar a verdade.

Se a verdade está situada no coletivo, ela é democrática e é resultado de interações entre os (diversos) humanos, na busca da transparência ética.

Enfim, perguntaríamos: a pós-verdade seria então o efeito da distorção do real? Logo, a realidade digital é o atual pós-real?

O vazio, este não existente, portanto real, é muitas vezes avassalador para o sujeito, aquele que insiste em ser sujeito desejante e faltoso, que precisa e insiste em ser “gente” (e não pós-humano), que tem afetos reais e se deixa afetar pela radical alteridade que o outro traz – a inequívoca presença da diferença.

Neste mundo pós-contemporâneo, onde a computação robótica se quer afetiva e pretende dialogar com os estados emocionais do sujeito (como se fosse da ordem do possível), os *trendsetters*

já proclamaram o *mindfulness* (consciência plena) como último objeto de desejo dos RHs advertidos, pois nunca estivemos tão desfocados, dissociados e pós-verdadeiros! Não há produtividade que resista! O que talvez explique essa crise pós do contemporâneo, de perda da verdade, que clama em voltar e deixar de ser pós, e “ser” como sempre foi – a verdade pura e simples. O belo é verdadeiro, já disse Platão!

Certo é que, com a morte das certezas, não assumimos ainda o vazio que aceita o fim das verdades tidas como absolutas, sobretudo se advêm do mundo empírico, numérico e matemático das estatísticas tidas como infalíveis, com desvios parametrizados em padrões expressos de forma minimamente variáveis. Como se a verdade estivesse nas ciências ditas exatas, onde a Matemática reina absoluta.

A instalação do vazio, muitas vezes avassalador, permite o espaço necessário para a emergência da verdade. Seja ela qual for, doa a quem doer. E não a “resistência” neurótica em não querer ver (“o pior cego é aquele que não quer ver”, já dizia o ditado popular) a verdade. É o que nos faz esticar mentiras dando-lhes *status* de pós-verdadeiras.

Um pouco mais do real, por favor!

RICARDO AUGUSTO ALVES DE CARVALHO é professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral, doutor em Sociologia pela Universidade Paris 7/ Denis Diderot (França) e professor convidado do HEC Montreal (Canadá) e da Reims Management School (França).